



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTISMO NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DE REVISTAS ONLINE

THIAGO HALLISON MEDEIROS DE LIMA
NEIZA DE LOURDES FREDERICO FUMES

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento bibliográfico a partir de revistas de Educação Física e analisar as produções que tratam sobre autismo e a Educação Física. O levantamento foi feito em 10 revistas online de Educação Física. A análise demonstrou escassez em publicações sobre autismo e Educação Física, seja em situações de reabilitação ou inclusão escolar. Foram encontrados 6 artigos, sendo 4 destes em revistas de publicações gerais e outros 2 numa revista de publicações sobre atividade motora adaptada.

Palavras-chave: Educação Física. Autismo. Inclusão. Educação Especial.

ABSTRACT

The objective of this study was to conduct a literature review from journals of Physical Education and analyze the productions that deal with autism and Physical Education. The survey was conducted in 10 online journal in Physical Education. The analysis showed shortages in publications on autism and Physical Education, rehabilitation or school inclusion emphasis. Six articles were found, four of these in journals of general publications and other publications in adapted motor activity one.

Keywords: Physical Education. Autism. Inclusion. Special Education.

INTRODUÇÃO

É inegável que a Educação Física vem modificando os valores que permeiam a sua prática ao longo dos tempos. Quando havia a preocupação extrema com o aperfeiçoamento e o fortalecimento físico ou a exaltação do corpo belo e saudável, com isso, muitos eram postos à margem das oportunidades de prática do exercício físico. Somente a partir de 1980, novas propostas pedagógicas para a área apresentavam a preocupação em romper com o modelo mecanicista, esportivizante e tradicional (DARIDO; RANGEL, 2005).

A Educação Física, apresenta entre seus conteúdos uma ampla possibilidade de atuação, sendo esta componente curricular obrigatório, entre outros, possui um papel relevante no processo de inclusão, possibilitando não somente desenvolvimento motor, mas somado a uma construção conceitual e atitudinal, indispensáveis para o desenvolvimento humano. Dessa forma, as aulas de Educação Física devem proporcionar aos alunos, em especial alunos com deficiência, desenvolvimento global, o quanto mais funcional possível, permitindo-lhes a chance de alcançar uma atitude de respeito, aceitação e solidariedade mutuas entre seus pares (OLIVEIRA, 2002).

No trabalho em questão, temos o sujeito com autismo e a Educação Física como foco. Acreditamos que o conhecimento da cultura de movimento é patrimônio construído coletivamente nos diferentes grupos sociais, do qual todos participam.

É preciso dar passos ao encontro do outro em sua diversidade, pois a cada dia nossas salas de aula tornam-se mais diversas e com isso provocam para superação de padrões *fixos* no formato de ensino-aprendizagem de muitas escolas. Consideramos neste trabalho a realidade de pessoas com autismo e suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem a partir da Educação Física. Para tanto, entendamos o pouco do autismo. Para Cunha (2009), o autismo é um transtorno do desenvolvimento que se caracteriza por alterações na comunicação e na interação social, apresentando padrões repetitivos de comportamento. Ainda segundo o autor, tais características comprometem também alguns aspectos motores e corporais do indivíduo, como a coordenação motora. Esta caracterização apresentada por Cunha (2009), leva-nos a pensar na conhecida tríade do autismo (*comunicação, interação, comportamento*), que veio a ser modificado recentemente pelo DSM V (APA, 2013).

O autismo, transtorno do desenvolvimento neurológico, encontra-se hoje dentro de um espectro, apresentado pelo DSM V (APA, 2013), como Transtorno do Espectro do Autismo, representado pela sigla TEA. Neste espectro estão incluídos o transtorno autístico (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e a transtorno global ou invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.

De acordo com o DSM V (APA, 2013), os atrasos de linguagem não são características exclusivas dos transtornos do espectro do autismo e nem universais dentro dele. Desta forma, o que antes era apresentado em três domínios pela tríade do autismo, agora se fala em díade do autismo, onde os domínios de comunicação e interação, agora estão unidos, assim temos: 1) Deficiências sociais e de comunicação; 2) Interesses restritos, fixos e intensos e comportamentos repetitivos. Ainda segundo o manual, os déficits na comunicação e comportamentos sociais são inseparáveis, sendo melhor avaliados desta forma, bem como associados a fatores contextuais e ambientais.

Quanto às características do sujeito com autismo, numa observação mais geral, algumas delas parecem estar associadas com a prática da atividade física, como a espontaneidade, que nem sempre é encontrada entre crianças com autismo, bem como a falta reciprocidade são características marcantes (SANINI; FERREIRA; SOUZA; BOSA, 2008). Acreditamos que a Educação Física em sua dinamicidade característica, o uso de alguns materiais e as relações incentivadas com os pares, bem como outros fatores presentes na atividade física pode vir a contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem da criança com autismo.

O sujeito com autismo, em muitos casos, também apresenta atitudes de apego e sem valor simbólico. Em alguns casos, cheiram o brinquedo, leva-o a boca, joga-o no chão sem zelo, e também podem ser atraídos por coisas em movimento, principalmente rotativos, como ventiladores, rodinhas do carrinho de brinquedo e outros objetos que giram e rodam (RODRIGUES; SPENCER, 2010).

Segundo Araújo (2011), é comum entre crianças com autismo a restrição para atividades exploratórias, o que muitas vezes interfere no ato do brincar, ação presente geralmente na infância e com impacto sobre o desenvolvimento humano.

Desta forma, o professor de Educação Física precisa encontrar, cuidadosamente, ferramentas pedagógicas que possam ser usadas para colaborar com a evolução da criança autista, encontrar caminhos de acordo com as demandas de cada criança, pois somos, enquanto seres humanos, semelhantes, mas com particularidades que são únicas.

Com o levantamento bibliográfico aqui proposto esperamos conhecer um pouco sobre a produção acerca da Educação Física e a pessoa com autismo, a partir das produções em revistas online de Educação Física.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e que permite o acesso às discussões sobre o tema em questão. De acordo com Lakatos e Marconi (2002, p.71), a pesquisa bibliográfica “coloca o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Segundo Lima e Mito (2007, p.44), “ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos”.

Para a construção deste estudo foram realizados levantamentos e análises bibliográficas a partir de 10 revistas brasileiras de Educação Física e na Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – SOBAMA por possuir publicações específicas sobre atividade física e pessoas com deficiência, todas elas foram analisadas a partir de versão online. A coleta ocorreu durante o primeiro semestre de 2015.1, entre os meses de Maio e Junho. Assim, utilizamos para o levantamento o sítio de busca das respectivas revistas em versão online listadas a seguir:

Revista Conexões - <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef>;

Revista de Educação Física da UEM -<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis>;

Revista Machenzie - http://www.mackenzie.br/revista_mackenzie.html;

Revista Motrivivência - <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia>;

Revista Motriz - <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz>;
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte - <http://www.revistas.usp.br/rbefe/>;
Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE - <http://www.rbceonline.org.br/>;
<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm>;
Revista Movimento - <http://seer.ufrgs.br/Movimento>;
Revista Pensar a Prática - <http://revistas.ufg.br/index.php/fe/>;
Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – SOBAMA - <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/index>.

Como palavras chaves foram utilizadas: Inclusão, Autismo ou Autista(s) e Transtorno do Espectro Autista. E como critério de inclusão, incluímos neste estudo todos os artigos encontrados nestas revistas que fizessem menção a crianças/pessoas com autismo associadas às práticas de Educação Física, em ambiente escolar, clubes, como intervenção terapêutica ou até extensões universitárias que atendessem este público, sejam de forma individualizada ou em grupos. Como critérios de exclusão, todos que não estivessem dentro das características anteriormente listadas, porém, não houve exclusões.

Neste estudo tratamos o conteúdo recolhido por meio da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2009), tem por objetivo descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação entre pesquisador e sujeito da pesquisa, neste caso, representado pelas produções em análise, cuja presença ou frequência de aparição das respostas pode significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido. Desta forma, na análise serão apresentados e discutidos respectivamente, *objetivo(s)*, *metodologia*, *resultados* e *discussão* somados à *conclusão* ou *considerações finais* dos artigos em estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento realizado demonstrou escassez de produção a respeito de relações entre a Educação Física e o autismo, nas revistas investigadas em sua versão online. Foram encontrados apenas 6 artigos, sendo 4 deles em revistas de Educação Física com enfoques gerais: Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE – 1 (FALKENBACH *et al.*, 2010); Revista Movimento – 2 (CHICON; SÁ, 2011; CHICON; SÁ; FONTES, 2013); Revista Pensar a Prática – 1 (BOATO *et al.*, 2014) e outros 2 em revista de publicação específica sobre atividade física e pessoas com deficiência: Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – SOBAMA (SANTOS *et al.*, 2013; CHICON; SÁ; FONTES, 2014).

No que se refere aos objetivos de investigação, excetuando o artigo de Santos *et al.* (2013), os trabalhos demonstraram uma preocupação com os processos de ensino e aprendizagem de crianças com autismo numa perspectiva inclusiva, não só relacionadas ao ambiente formativo escolar, mas uma formação do sujeito para vida, especialmente em suas relações interpessoais.

Entre os trabalhos, chamamos a atenção para o artigo de Santos *et al.* (2013), pois este diferente dos demais, não demonstrava intervenções práticas propriamente dita, mas promovia um estudo para conhecimento do sujeito com autismo quanto a seus potenciais e também sobre suas inabilidades.

Os interesses de investigação acabam relacionando-se com as características gerais do autismo (comunicação, interação social e comportamento) e as situações de ensino-aprendizagem, como ainda as possíveis limitações neste processo. No entanto, a desinformação e a não apropriação de conhecimentos acerca da pessoa com autismo e suas possibilidades de aprendizagem podem provocar “estigmatização das incapacidades e inabilidades como sendo os definidores de seu destino durante toda sua vida. Logo, leva-se em conta muito mais os aspectos sintomáticos da síndrome do que a procura por estratégias interventivas para a superação das dificuldades” (ORRÚ, p.01, 2003).

O conhecimento sobre a síndrome do autismo é, sem dúvida, necessário, como também conhecer outras situações de deficiência que possam e estão presentes dentro nas escolas. Porém, estejamos atentos para que esses conhecimentos, inclusive das características gerais do autismo, não nos prive dos avanços desejáveis, mas sirvam como suporte para o planejamento e organização das estratégias para as práticas interventivas que se façam indispensáveis a partir da demanda que cada sujeito (ORRÚ, 2003).

Quanto aos aspectos metodológicos constatamos que em sua maioria os artigos (FALKENBACH *et al.*, 2010; CHICON; SÁ, 2011; CHICON; SÁ; FONTES, 2013; BOATO *et al.*, 2014; CHICON; SÁ; FONTES, 2014), não definem claramente o tipo de pesquisa, ainda que percebamos pesquisas com características qualitativas. Como exemplo disto, temos o artigo de Santos *et al.* (2013), que em sua metodologia não indicava de forma clara e objetiva o tipo de pesquisa realizada, porém as suas características gerais, no esboço de resultados e análise dos dados de estudo nos remetem a uma pesquisa de natureza qualitativa. Já que não buscaram entre suas análises e posterior exposição de resultados

quantificarem dados, mas discutir a partir das relações entre os mediadores de atividades, geralmente professores, junto da criança com autismo.

No que se refere à análise e discussão dos dados, é notável que em todos os estudos em análise, (FALKENBACH *et al.*, 2010; CHICON; SÁ, 2011; CHICON; SÁ; FONTES, 2013; BOATO *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2013; CHICON; SÁ; FONTES, 2014) foi considerada a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento, visto que esta se caracteriza pela interação direta entre o pesquisador e o objeto de estudo, havendo assim a explicitação sobre a teoria, escolha de tópicos da pesquisa, método e interpretação dos resultados, fatores que caracterizam uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2004).

Com relação às considerações apresentadas pelos autores dos respectivos artigos em estudo (FALKENBACH *et al.*, 2010; CHICON; SÁ, 2011; CHICON; SÁ; FONTES, 2013; BOATO *et al.*, 2014; CHICON; SÁ; FONTES, 2014), a maioria aponta para a superação e evolução da criança com autismo quanto a um dos aspectos que geralmente são afetados pela síndrome, neste caso, dificuldades de interação com os pares.

Nos estudos (FALKENBACH *et al.*, 2010; CHICON; SÁ, 2011; CHICON; SÁ; FONTES, 2013; BOATO *et al.*, 2014; CHICON; SÁ; FONTES, 2014), pudemos observar que as atividades físicas propostas (danças, natação e psicomotricidade), em sua maioria se mostraram benéficas na evolução da interação entre sujeitos com autismo, outras crianças e seus mediadores, geralmente professores. A partir da análise dos demais trabalhos seja interessante e relevante apontar também a motivação e incentivo para os profissionais de Educação Física, quanto aos benefícios e possibilidades da Educação Física junto a crianças com autismo.

A Educação Física tem um papel importante no desenvolvimento global dos alunos, principalmente daqueles com deficiência, tanto no desenvolvimento motor quanto no desenvolvimento intelectual, social e afetivo, pois engloba aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais e a relação entre eles (STRAPASSON; CARNIEL, 2007). A Educação Física pode promover e promove muito mais que interações sociais como oportunizadas e apresentadas nos trabalhos encontrados, mas quando planejada e bem estruturada sua prática promove como já dissemos, estímulos e desenvolvimento global do indivíduo.

Ainda com relação às considerações, enfatizemos alguns apontamentos de forma a relacioná-los, buscando um caminho que possibilite aos profissionais de Educação Física ou outros, estruturarem sua prática de intervenção. Em resumo, Os artigos (FALKENBACH *et al.*, 2010; CHICON; SÁ; FONTES, 2013; CHICON; SÁ; FONTES, 2014), falam-nos das relações interpessoais que podem ser vislumbradas por meio da atividade física. No de Chicon; Sá, (2011), os autores propõem que seja oportunizada uma movimentação que provoque nestes sujeitos um entendimento, consciência, do seu próprio eu. Os autores do artigo de Boato *et al.* (2014) orientam-nos a respeitar as possibilidades peculiares, ainda apontam a atividade física como meio de promoção da inclusão, tanto educacional como social do sujeito com autismo. Para Santos *et al.* (2013), é importante conhecer os sujeitos que serão atingidos por nossa prática, pois somos estimulados a buscar entender o que temos e o que precisamos alcançar com estes, tais investigações nos proporcionarão respostas que irão estruturar o planejamento das atividades a serem propostas, tornando-as o quanto mais funcionais possíveis.

No processo de ensino-aprendizagem do sujeito com autismo é importante que o conhecimento do professor vá além das características do autismo, mas se utilize destes conhecimentos para selecionar programas e métodos educacionais mais apropriados para que sejam ensinados (CAPELLINE *et al.*, 2013). Neste processo é ainda importante e relevante olhar para crianças e jovens como o são, com necessidades próprias de sua idade e gênero, olhar que vai além das características dos manuais médicos. Pois, “embora haja limitações e inabilidades, antes de ser autista, esse indivíduo é um ser humano” (ORRÚ, p.01, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão nos permite perceber a escassez na publicação de trabalhos que associem autistas a Educação Física, tanto no que se refere aos trabalhos com intervenções educacionais ou no âmbito da saúde por meio de experimento e/ou aplicação de testes que revelem mais sobre as características desses sujeitos. Uma vez conhecendo suas necessidades, esperamos que os profissionais desta área possam de alguma forma auxiliar e estimular a evolução por meio das práticas e de inúmeras possibilidades da Educação Física, entre elas a dança e a natação como explicitadas em alguns dos artigos analisados, postas ainda numa perspectiva inclusiva.

É possível propor a partir do exposto, que as revistas de Educação Física que possuam publicações mais gerais e abrangentes, possam abrir espaço também para publicações que tratem de intervenções junto a pessoas com deficiência, especialmente os autistas, sujeitos que por suas características complexas somadas ao desconhecimento dos profissionais, muitas vezes são postos a margem das possibilidades de intervenção por meio da Educação Física,

não somente nos espaços formativos como a escola, mas em outros ambientes sociais.

REFERÊNCIAS

American Psychiatry Association (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

AGUIAR, J. S.; DUARTE, Édison. **Educação Inclusiva**: um estudo na área da Educação Física. Rev. Bras. Ed. Esp. Marília, Mai/Ago de 2005, v.11, n.2, p.223-240. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v11n2/v11n2a5.pdf>> Acesso em: 19 de agosto de 2010.

AMARAL, G. A. *et al.* **Formação Profissional e Diretriz Curriculares da Educação Física**. Revista Especial de Educação Física. Edição Digital. V. 3, n. 1, nov. 2006. Anais do V Simpósio de Estratégias de Ensino em Educação/Educação Física Escolar.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4º Ed. Lisboa: edições70, 2009.

BOATO, E. M. *et al.* Expressão Corporal/Dança para Autistas: Um Estudo de Caso. **Rev. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 01, p. 01-294. Jan-Mar. 2014.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. **Revista integração - MEC**. Uberlândia, 1999. Disponível em:<<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf>> Acesso em: 15 de Março de 2014.

CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C.. Inclusão na Educação Física Escolar: Considerações Sobre a Constituição da Subjetividade Humana. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 01, p. 41-58, Jan-Mar. 2011.

CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C.; FONTES, A. S.. Atividades lúdicas no meio aquático: possibilidades para a inclusão. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 103-122, Abr-Jun. 2013.

CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C.; FONTES, A. S.. Natação, Ludicidade e Mediação: a inclusão da criança autista na aula. **Revista da Sobama**, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20, Jan./Jun., 2014.

CUNHA, E.. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

DARIDO, S.; RANGEL, I. **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FALKENBACH, A. P.; DIESEL, D.; OLIVEIRA, L. C.. Ojogo da Criança Autista nas Sessões de Psicomotricidade relacional. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, Jan. 2010.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007

MELO, J. P. de. Perspectivas da Educação Física Escolar: reflexo sobre a Educação Física como componente curricular. **Rev. Brás. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 20, p. 188-90, set. 2006. Suplemento n.5.

OLIVEIRA, F. F.. **Dialogando sobre educação, educação física e inclusão escolar**. 2002.

ORRÚ, S. E.. A Formação de Professores e a Educação de Autistas. **Revista Iberoamericana de Educación (Online)**, Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.

RODRIGUES, J. M. C., SPENCER, E.. A criança autista: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2010.

SANINI, C., FERREIRA, G. D., SOUZA, T. S., BOSA, C. A.. Comportamentos Indicativos de Apego em Crianças com Autismo. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2008; 1(21):6065.

SANTOS, E. O. *et al.* Aplicação do perfil psicoeducacional revisado (PEP-r) em crianças com Autismo como requisito para Intervenção e estabelecimento do vínculo em Atividades físicas, lúdicas e recreativas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 35-40, Jul./Dez., 2013.

SILVA, R. F.; SEABRA JÚNIOR, L.; ARAÚJO, P. F. **Educação Física Adaptada no Brasil: da História à Inclusão Educacional**. São Paulo: Phorte, 2008.

Thiago Hallison Medeiros de Lima (autor)[1]
Neiza de Lourdes Frederico Fumes (coautora)[2]

[1] Professor de Educação Física e Terapeuta de crianças autistas. Mestrando em Educação Brasileira (PPGE/CEDU/UFAL) - emaildothiagolima@gmail.com .

[2] Professora do curso de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/CEDU/UFAL – neizaf@yahoo.com .

Recebido em: 18/07/2015
Aprovado em: 26/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: